

“EDUCATION, TEACHING, LITERATURE AND THE INTELLECTUAL DEVELOPMENT OF CHILDREN”

Ana Beatriz Martins Ferreira¹
Conceição Solange Bution Perin²

RESUMO

A literatura infantil constitui-se como importante instrumento pedagógico e formativo, capaz de contribuir para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança. Desde a Antiguidade, a leitura é reconhecida como prática essencial para a formação humana, sendo historicamente associada aos processos educativos e à construção do pensamento. Desse modo, considerando a relevância da literatura para o campo da alfabetização, investiga-se o papel da literatura no processo de alfabetização e no desenvolvimento intelectual das crianças dos anos iniciais. O trabalho tem como objetivo geral analisar a contribuição da literatura no processo de alfabetização dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, compreendendo sua implicação no desenvolvimento do pensamento reflexivo e nas práticas escolares contemporâneas. A partir do objetivo geral, levantou-se a seguinte questão: por que é preciso incentivar a criança a pensar racionalmente por meio da literatura? Para algumas considerações sobre essa pergunta, abordou-se a relação entre literatura e alfabetização sob a ótica da História Social, visando a contribuição da literatura para o desenvolvimento intelectual e cognitivo da criança, investigando as lacunas das práticas escolares contemporâneas e evidenciando os desafios e as possibilidades para a integração da literatura nos processos de alfabetização e letramento.

Palavras-chave: literatura; intelectual; desenvolvimento integral; anos iniciais do Ensino Fundamental.

ABSTRACT

Children's literature is an important pedagogic and formative tool, capable of contributing to cognitive, emotional and social development of children. Since Ancient History, the practice of reading is recognized as essential to human growth, being historically associated with educational processes and construction of critical thinking. Thus, considering the relevance that literature has concerning literacy, we investigate the role literature plays in the literacy process and in the intellectual development of children in early years of schooling. This work has the main goal of analysing the contribution of literature in the literacy process of students in the early years of Elementary School, grasping its implication in the development of critical thinking and in contemporary school practices. From this main goal, we ask the following question: why is it necessary to encourage children to think rationally through literature? To create some

¹ Graduanda, Universidade Estadual de Maringá, ra123711@uem.br

² Doutora, Universidade Estadual de Maringá, csbperin@uem.br

considerations concerning this question, we approach the relation between literature and literacy from the perspective of Social History, aiming at the contribution literature has to the intellectual and cognitive development of children, investigating the gaps in contemporary school practices and highlighting the challenges and possibilities to the integration of literature in the literacy processes.

Keywords: literature; intellectual; integral development; early years of Elementary School.

1 INTRODUÇÃO

A educação sempre desempenhou um papel fundamental na formação dos indivíduos e na construção da sociedade, mostrando-se essencial para o desenvolvimento humano durante toda a história. Ao longo dos séculos, diferentes pensadores refletiram sobre a importância do processo de ensino e aprendizagem, cada um trazendo contribuições que expressam as necessidades, valores e concepções de sua época. Na Grécia Antiga, por exemplo, já se compreendia a educação como instrumento de formação integral, voltada à razão, à moral e à cidadania. Essa concepção, denominada *paideia*, consistia na ideia de que o conhecimento deveria formar homens líderes, críticos e aptos a participar ativamente da vida social (Plutarco, 2008, p. 9).

Nesse cenário, a literatura se apresenta como um importante recurso no processo de ensino-aprendizagem das crianças. A leitura e o contato com diferentes narrativas não apenas ampliam o repertório cultural e de linguagem, mas estimulam o desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores (FPS) e contribuem também para as questões emocionais da criança. A literatura, enquanto manifestação artística e cultural, contribui para a formação da consciência, estimulando o leitor a pensar, sentir e interpretar o mundo à sua volta. Para Aguiar (2007, p. 25), a leitura constitui-se como um momento em que os condicionantes sociais atuam sobre o leitor, possibilitando a percepção do texto em relação à realidade social, ampliando, assim, seu desenvolvimento e sua relação com a sociedade em que vive. Essa compreensão reforça a ideia de que o texto literário ultrapassa a função estética, constituindo-se também como um meio de reflexão crítica e de formação humana.

Trabalhar com literatura favorece o desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores (FPS), como atenção, memória, fala, pensamento e imaginação, além de estimular a criatividade e enriquecer o repertório simbólico e cultural do indivíduo. No campo da literatura infantil, Cademartori (1991, apud Franco e Rezende, 2011) ressalta que esse gênero é capaz de provocar nas crianças uma reorganização de suas percepções de mundo e uma nova ordenação de suas experiências vividas, contribuindo, assim, para a formação de novos padrões de pensamento e para o desenvolvimento do senso crítico. A literatura, portanto, não apenas desperta a imaginação, como favorece o desenvolvimento intelectual e social da criança, pois amplia suas possibilidades de compreender, representar e transformar a realidade.

A principal questão que orienta esta pesquisa é: por que é necessário aprender a pensar com o uso da razão? O desenvolvimento do pensamento crítico na infância não ocorre de maneira espontânea, exige um trabalho intencional e mediado. Para que esse processo aconteça, é essencial a presença do professor como mediador, capaz de instigar o aluno a refletir, questionar e elaborar interpretações próprias sobre o mundo que o cerca. A literatura, nesse contexto, torna-se um campo privilegiado para o exercício da escuta, do diálogo e da imaginação, elementos fundamentais para a construção do pensamento autônomo e criativo.

Segundo Oliveira (apud Silveira e Araújo, 2015, p.72):

A presença do livro no ambiente escolar é uma fonte de grande incentivo à aprendizagem e à formação pelo gosto às obras. Através do trabalho com diversas obras nesse campo, a criança começa a escrever melhor e a compor um repertório maior de informações, a função fundamental exercida pela literatura junto a seu leitor é a possibilidade de promover a criação e a criatividade, bem como uma aprendizagem simultânea da escrita, da interpretação, do cálculo, da contação de histórias, do desenho, do canto e do bom tratamento dos outros.

Essa concepção reforça a importância de pensar a escola como espaço de experiências significativas, onde o contato com a literatura estimula o desenvolvimento integral do aluno, incluindo tanto as dimensões cognitivas quanto afetivas e sociais. Ao ler, ouvir e interpretar histórias, a criança não apenas se apropria da linguagem escrita, bem como desenvolve sua sensibilidade, imaginação e capacidade de compreender o outro.

Dessa forma, a escola se apresenta como o principal ambiente capaz de proporcionar ao aluno vivências que estimulem o pensamento, a imaginação e a autonomia, promovendo o contato com o conhecimento científico, estético e cultural. Sob essa perspectiva, a literatura é compreendida como prática pedagógica e social, que, ao ser integrada às rotinas escolares, contribui para o desenvolvimento intelectual, cognitivo e emocional das crianças, favorecendo a construção de uma aprendizagem significativa e humanizadora.

Para responder à questão norteadora deste estudo, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar a importância da literatura no processo de desenvolvimento intelectual da criança. Para tanto, como objetivos específicos, pretende-se analisar o papel da literatura no processo de alfabetização sob a ótica da História Social; compreender a relação entre imaginação, leitura e desenvolvimento cognitivo e refletir sobre as lacunas e desafios das práticas escolares contemporâneas quanto à integração da literatura na alfabetização e no letramento. Por fim, pretende-se compreender de que maneira a educação, por meio de práticas pedagógicas que envolvem a literatura, pode contribuir para o desenvolvimento intelectual e cognitivo da criança.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa trata de uma questão histórica, visto que investigar sobre o ensino-aprendizagem por meio da literatura não é um argumento do presente. Em diferentes períodos, vários autores já trataram sobre o desenvolvimento intelectual e a necessidade da leitura e da imaginação para a formação do homem. Dentre eles, podemos citar Esopo (620 a.C - 564 a.C), Plutarco (46 d.C - 120 d.C), Hugo de São Vítor (1096-1141), Alexis Leontiev (1904-1979) e outros.

Nesse sentido, o fundamento teórico-metodológico é baseado na História Social, a qual está no entendimento do social e educacional de longa duração, possibilitando uma leitura da história e a relação do passado com o presente, a qual permeia-se pela necessidade de desenvolver o intelecto desde a infância. A perspectiva da longa duração, conforme explica Le Goff (2008), permite compreender a educação e a

literatura não como práticas isoladas, mas como fenômenos culturais e sociais que se transformam de acordo com as mudanças históricas e ideológicas.

A longa duração se fundamenta no campo da História Social, visando o entendimento da educação na sociedade e na compreensão de que a educação sofre a influência e influencia outros campos de um determinado período histórico, sejam eles econômico, político, religioso, cultural e outros que demandam a existência “para o” e “no” social. Essa abordagem possibilita reconhecer que o ensino, a leitura e as práticas culturais são expressões de contextos mais amplos e refletem as formas de pensar e de agir das sociedades.

Segundo José D’Assunção Barros (2005, p. 13), “[...] indicamos ainda uma categoria [...] para a História Social: a dos ‘processos’ (industrialização, modernização, colonização, ou quaisquer outros, inclusive as revoluções, que aparecem incluídas na rubrica ‘movimentos sociais’).” Ao adotar essa perspectiva, compreende-se que utilizar a leitura e a literatura como instrumentos pedagógicos também são resultado de movimentos sociais, políticos e culturais que, ao longo do tempo, moldaram as concepções de infância, de ensino e de formação humana.

Le Goff (2008, p. 11), ao se referir à longa duração para análise dos movimentos sociais, afirma que “A periodização é uma racionalização. Oferece vantagens, como permitir uma abordagem científica do conhecimento do passado e especialmente do passado em relação ao presente, porque o período ocupa um lugar na cadeia temporal.” Assim, ao analisar a educação e a literatura a partir desse olhar, torna-se possível compreender como o ideal de formação intelectual se reconfigura historicamente.

Dessa forma, a indicação da pesquisa neste projeto é a de compreender a preocupação da educação em diferentes períodos para analisar a necessidade do desenvolvimento intelectual nos dias atuais e, a literatura, historicamente utilizada para o raciocínio imaginativo, interpretativo e de análise crítica, será o nosso objeto de estudo para apresentá-la como instrumento educacional nas escolas, entendendo que o imaginar, ler e interpretar contribui para o desenvolvimento cognitivo das crianças. Afinal, como afirma Aguiar (2011), a leitura é “um momento em que os condicionantes sociais atuam sobre o leitor e possibilitam a percepção do que se lê na realidade social,

ampliando assim, o seu desenvolvimento e sua relação com a sociedade em que vive.” (Aguiar apud Franco e Rezende, 2011, p. 117).

A partir desse olhar histórico, é possível observar que desde os filósofos antigos, como Plutarco, a educação é entendida como prática formadora do caráter e do pensamento. Em *Da Educação das Crianças* (2008), o autor defende que o ensino deve cultivar a sabedoria e o raciocínio, preparando o indivíduo para a vida em sociedade. Posteriormente, na Idade Média, Hugo de São Vítor reforça a importância da leitura como caminho para a sabedoria e o aprimoramento intelectual, associando o ato de ler à contemplação e à elevação moral.

Já na modernidade, o pensamento pedagógico passa a reconhecer a importância da experiência e da cultura na formação do intelecto. Nesse contexto, as contribuições da Psicologia Histórico-Cultural, especialmente as de Alexis Leontiev (2004), são fundamentais para compreender o desenvolvimento intelectual como resultado da mediação social e da internalização da cultura. Para o autor, o aprendizado é um processo de apropriação da experiência humana, no qual a linguagem e as práticas culturais, como a leitura, desempenham papel decisivo na formação das FPS.

Sob essa perspectiva, Cosenza e Guerra (2011), ao estudarem as relações entre neurociência e educação, explicam que a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo dependem da interação entre fatores biológicos e culturais. Os autores demonstram que o cérebro é constantemente moldado pelas experiências simbólicas e que a leitura literária, ao envolver emoção, imaginação e linguagem, contribui para o fortalecimento das conexões neurais responsáveis pelo pensamento e pela criatividade.

A literatura, desde as narrativas clássicas até as obras contemporâneas, constitui-se como espaço de construção de sentidos, de expressão simbólica e de desenvolvimento do intelecto. Ela estimula a capacidade de abstração, o pensamento crítico e a sensibilidade, favorecendo a formação de sujeitos criativos e reflexivos.

Para tanto, a investigação se pautará em autores do passado e do presente, como Esopo (620 a.C - 564 a.C), Plutarco (46 d.C - 120 d.C), Hugo de São Vítor (1096-1141), Alexis Leontiev (1904-1979) e outros, para o esclarecimento da importância da literatura nos diferentes níveis de ensino. Ao integrar as perspectivas da História Social, da Psicologia Histórico-Cultural e das ciências cognitivas, pretende-se

compreender de que modo a leitura e a imaginação se consolidam, ao longo do tempo, como pilares do desenvolvimento integral da criança.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e documental, fundamentada nos princípios da História Social. Essa perspectiva metodológica compreende o objeto de pesquisa, neste caso, a literatura como instrumento de desenvolvimento intelectual e cognitivo, a partir da análise de produções teóricas e históricas que tratam da relação entre leitura, imaginação e formação humana ao longo do tempo.

Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros, artigos e demais produções acadêmicas. Nesse sentido, este trabalho baseia-se em fontes que discutem o papel da literatura no processo de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento das funções cognitivas, considerando o diálogo entre o passado e o presente proposto pela História Social.

A abordagem qualitativa justifica-se por priorizar a compreensão dos fenômenos em sua complexidade, valorizando os significados, as relações e os contextos socioculturais que envolvem o objeto de estudo. Como afirma Minayo (2012, p. 21), “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”, o que corresponde à proposta deste trabalho, centrado na interpretação das práticas educativas e culturais vinculadas à literatura.

O método da longa duração, conforme propõe Le Goff (2008), orienta a análise histórica realizada nesta pesquisa, permitindo relacionar as concepções de leitura e de formação intelectual desde a Antiguidade até a Contemporaneidade. Sendo assim, a pesquisa utiliza autores de diferentes períodos, como Esopo (620 a.C – 564 a.C), Plutarco (46 d.C – 120 d.C), Hugo de São Vítor (1096–1141), Leontiev (1904–1979), Freire (1921–1997), Soares (2003; 2013), Cosenza & Guerra (2011), entre outros, de modo a evidenciar como as ideias sobre literatura, imaginação e desenvolvimento cognitivo se transformaram ao longo da história.

A análise foi organizada em três eixos temáticos correspondentes aos objetivos específicos do estudo: a literatura e o processo de alfabetização sob a ótica da História Social; a contribuição da literatura para o desenvolvimento intelectual e cognitivo da criança e as lacunas das práticas escolares contemporâneas quanto à integração da literatura nos processos de alfabetização e letramento.

A partir desse percurso metodológico, compreende-se o papel da literatura enquanto prática cultural e pedagógica que favorece a formação do pensamento crítico, a ampliação do repertório simbólico e o desenvolvimento integral da criança, reafirmando a importância da literatura como elemento estruturante da educação e da formação humana.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 A literatura e o processo de alfabetização sob a ótica da História Social

A relação entre literatura e alfabetização é uma construção histórica que acompanha o desenvolvimento da educação e das práticas culturais de leitura. Desde a Antiguidade, autores como Plutarco (46-120 d.C.) já destacavam a importância da formação do pensamento e do caráter por meio do estudo e da leitura, defendendo que a educação deveria cultivar o intelecto e a virtude. Em *Da educação das crianças* (2008), o autor afirma que o ensino deve ser pautado em experiências que ampliem a sabedoria e o raciocínio, preparando o indivíduo para a vida em sociedade.

Quando pensamos em alfabetização, Magda Soares a define como “processo de aquisição e apropriação do sistema de escrita, alfabético e ortográfico”, (Soares, 2004, pg.11) já o letramento pode ser entendido como “desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita” (Soares, 2004, pg.14). Apropriados desses conceitos, entendemos que ambos os processos são indissociáveis, como a autora explica:

[...] a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização.

A alfabetização, com o passar dos séculos, deixou de ser processo restrito às elites e tornou-se uma prática social e política de formação humana. Na modernidade, a literatura infantil consolidou-se como ferramenta pedagógica essencial para o desenvolvimento da linguagem e do pensamento. Segundo Cademartori (2010, p. 15), a literatura infantil “manifesta as ideias dos mais velhos sobre o que as crianças devem ser e pensar”, revelando que o texto literário, além de artístico, é também produto das concepções sociais de infância.

No Brasil, a Literatura Infantil ganha força a partir do século XX, quando surge uma nova concepção de infância, a qual afirma que as crianças possuem necessidades específicas que se distinguem dos adultos. Desde então, aconteceram diversas transformações educacionais e surgiram políticas de alfabetização que buscam sanar tais necessidades. Autores como Magda Soares (2013) apontam que o processo de ensino-aprendizagem, para tornar-se mais significativo e eficaz, exige diversas práticas pedagógicas, como a literatura. A autora afirma que “A alfabetização das crianças acontece mediante a compreensão dos fenômenos linguísticos, ou seja, não é apenas o processo de codificação e decodificação do código escrito ou das habilidades leitoras; envolve também a cognição, compreensão e expressão dos significados.” (Soares, 2013, pg. 45). Nesse sentido, associar a literatura com a leitura e os processos de alfabetização e letramento torna-se coerente, visto que ambos integram o processo de formação do aluno.

Além disso, Pedrosa, Souza e Lima (2017 p. 2) afirmam que:

A literatura é essencial para o desenvolvimento integral das crianças; e se executado de forma planejada, por meio da mediação docente, os sujeitos aprendentes podem melhorar suas aprendizagens de modo a desenvolver habilidades leitoras que serão primordiais no decurso da sua formação escolar. A literatura pode ser uma ferramenta eficiente utilizada pelos(as) docentes para inserir as crianças no mundo da leitura e da escrita.

Ou seja, a utilização da literatura proporciona a “compreensão dos elementos textuais, por meio das linguagens verbal e não verbal, e ajuda tanto na leitura e interpretação, quanto na escrita de textos, por meio de atividades guiadas em sala de aula.” (Pedrosa, Souza e Lima, 2017, p. 2). Isto é, as obras literárias ampliam o repertório cultural e linguístico das crianças, o que favorece a aprendizagem da leitura e da escrita de forma

significativa, tornando-se um meio de inserção da criança no mundo simbólico, contribuindo para o desenvolvimento de sua sensibilidade, imaginação e pensamento crítico.

Nessa leitura histórica, percebe-se que a alfabetização não é apenas um processo técnico, mas cultural e político, o que a História Social evidencia ao revelar como as práticas de leitura se transformam conforme as concepções de infância e sociedade. Esta perspectiva da História compreende a educação e a infância como construções humanas que refletem os valores, interesses e transformações de cada época. Segundo Le Goff (2008), o estudo histórico deve considerar o tempo como uma continuidade entre passado, presente e futuro, permitindo compreender como as práticas sociais, como a leitura e a alfabetização, se transformam ao longo dos séculos.

Sob essa perspectiva, a educação não pode ser entendida isoladamente, mas como parte de um contexto cultural e social mais amplo. Barros (2005) afirma que a História Social compreende o homem em suas múltiplas dimensões, analisando seus modos de pensar, agir e aprender. Assim, estudar o papel da literatura na educação implica reconhecer que o ato de ler é também um ato social e histórico.

Nesse contexto, a literatura infantil reflete as transformações nas concepções de infância e de ensino. Autores e educadores de diferentes épocas expressam, em suas obras, visões sobre o papel da escola e da leitura na formação humana. A partir dessa leitura histórica, percebe-se que a literatura, além do viés artístico, é também um instrumento de formação cultural, pois contribui para a construção de sentidos, valores e identidades.

A literatura constitui-se como um poderoso instrumento de formação humana, pois permite que o sujeito compreenda a si mesmo e o mundo ao seu redor. Para Aguiar (2007, pg.25), a literatura “não consiste apenas numa herança, num conjunto cerrado e estático de textos escritos no passado, mas apresenta-se antes como um ininterrupto processo histórico de produção de novos textos”, isto é, é uma prática que se renova e contribui para a construção do pensamento crítico.

Sob o ponto de vista educacional, a literatura deve ser compreendida como prática pedagógica que vai além da decodificação da escrita. Ela é um espaço de mediação simbólica, no qual a criança aprende a expressar ideias, emoções e

interpretações sobre a realidade. Para Chaves (2011, p. 75) "a literatura infantil não é apenas um recurso para o desenvolvimento cognitivo, mas uma chave para o amadurecimento emocional e social da criança". A autora aponta que as histórias literárias possibilitam à criança novas vivências, sentimentos e contextos, o que favorece seu processo de formação humana e auxilia na construção de sua identidade e compreensão das relações sociais e culturais que a cercam.

Além disso, a literatura contribui no desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores (FPS), como memória, atenção, imaginação e linguagem, conforme propõe Leontiev (1978, pg. 56), o qual afirma que "as funções psicológicas superiores emergem como resultado da ação social e cultural do homem sobre o ambiente", isso demonstra que as práticas culturais, especialmente a leitura literária, exerce papel essencial no aprimoramento das capacidades cognitivas e intelectuais do ser humano.

4.2 A contribuição da literatura para o desenvolvimento intelectual e cognitivo da criança

De acordo com Cosenza e Guerra, (2011, p.120) inteligência pode ser definida como:

[...] uma capacidade muito geral que, entre outras coisas, envolve a habilidade de raciocinar, planejar, resolver problemas, pensar de forma abstrata, compreender ideias complexas, aprender rapidamente e por meio da experiência. Não é apenas uma habilidade acadêmica, uma aprendizagem livresca ou esperteza ao responder testes. Ela reflete uma capacidade mais ampla e profunda para a compreensão do ambiente: apreender o contexto, dar sentido às coisas, antecipar o melhor curso de ação.

Com base nessa definição, entende-se que a inteligência é uma função mental complexa, que envolve o uso de múltiplas áreas cerebrais e se manifesta de forma integrada nas ações humanas. Já o intelectual relaciona-se ao processo de formação dessas capacidades mentais, construídas e aprimoradas por meio das experiências culturais e das interações sociais. O desenvolvimento cognitivo, que abrange o raciocínio, a memória, a atenção e a linguagem resulta, portanto, da articulação entre fatores biológicos e culturais, o que reforça a ideia de que o intelecto humano é dinâmico e moldado pelo ambiente e pela aprendizagem (Cosenza; Guerra, 2011).

Sob essa perspectiva, entendemos o papel essencial da literatura no desenvolvimento neurológico da criança, visto que, ela ativa simultaneamente funções cognitivas e emocionais. A leitura literária favorece o fortalecimento das Funções Psicológicas Superiores (FPS), conceito amplamente desenvolvido por Leontiev (1978). Para o autor, “as Funções Psicológicas Superiores emergem como resultado da ação social e cultural do homem sobre o ambiente” (Leontiev, 1978, p. 56), confirmando que práticas culturais, como a leitura literária, são essenciais para o desenvolvimento do indivíduo.

Além disso, Vigotsky (2009) enfatiza que a linguagem é a principal ferramenta mediadora no desenvolvimento do pensamento. Com isso, a literatura, a partir de suas vastas e complexas narrativas, permite que as crianças reflitam sobre diversas realidades, contribuindo para a construção das FPS, como atenção, memória, concentração, além do desenvolvimento do raciocínio lógico, abstração e aumento do vocabulário.

Ao entrar em contato com narrativas literárias, a criança exercita sua imaginação criadora. Segundo Aguiar (2007), a literatura é um processo histórico de produção de sentidos, que impulsiona o pensamento crítico e amplia a capacidade interpretativa do leitor. Essa experiência simbólica estimula simultaneamente os campos afetivo e emocional, integrando o racional e o sensível no processo de aprendizagem.

Nesse mesmo sentido, Cademartori (2010) destaca que a literatura infantil revela as concepções de mundo dos adultos e possibilita à criança construir e reconstruir significados a partir de suas próprias vivências. Essa interação entre texto, emoção e pensamento ativa o cérebro em múltiplas dimensões, o que contribui para o fortalecimento das conexões neurais responsáveis pela criatividade e pela formação do pensamento simbólico.

Visto isso, podemos afirmar que a literatura, ao mobilizar a imaginação, atua como mediadora entre o desenvolvimento neurológico e intelectual. O contato com histórias, personagens e símbolos promove a formação de redes neurais complexas e estimula o pensamento abstrato, tornando a leitura literária uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento cognitivo, emocional e intelectual da criança.

Pensando na prática do ambiente escolar, este processo conta com um mediador essencial, o professor. O qual possui o papel de tornar a literatura uma experiência significativa. Nos momentos de leitura, que devem ser planejados intencionalmente, o educador deve despertar o interesse da criança pelo texto literário, ampliando suas capacidades de interpretação, expressão e pensamento crítico.

Para Bortolin (2010), o mediador da leitura exerce papel decisivo na construção do imaginário e no estímulo ao gosto pela literatura. A autora afirma que o ato de narrar ou ler em voz alta desperta o prazer estético e amplia a experiência emocional e simbólica da criança. Essa vivência afeta positivamente o cérebro, pois, conforme Cosenza e Guerra (2011), a aprendizagem significativa é resultado da integração entre emoção e cognição, e a literatura, quando mediada de forma afetiva e reflexiva, ativa múltiplas redes neurais associadas à linguagem, memória e empatia.

Além disso, Cademartori (2010) ressalta que o contato com o texto literário mediado por um educador sensível possibilita à criança “construir e reconstruir significados” (Cademartori, 2010, pg. 33) a partir de suas próprias experiências. Essa mediação não se limita à explicação do conteúdo, mas envolve o acolhimento da imaginação e a valorização da interpretação pessoal do aluno, promovendo o desenvolvimento de sua autonomia intelectual. Aguiar (2007), complementa afirmando que a literatura é um processo contínuo de produção de sentidos, no qual o professor conduz o estudante a reconhecer esses sentidos, transformando a leitura em um espaço de diálogo, pensamento crítico e humanização.

Desse modo, compreende-se que o professor, ao atuar como mediador da leitura literária, não apenas ensina o conteúdo de uma obra, mas estimula para o desenvolvimento neurológico, cognitivo e emocional de seus alunos. Ele contribui para a formação de leitores críticos e criativos, capazes de atribuir significados às suas vivências, fortalecendo o desenvolvimento intelectual e o processo de humanização por meio da literatura.

4.3 As lacunas das práticas escolares contemporâneas: desafios para a integração da literatura na alfabetização e letramento

Nas práticas escolares contemporâneas, observa-se que a literatura nem sempre ocupa o espaço de destaque que lhe é devido. Muitas vezes, ela é tratada como atividade secundária, restrita a datas comemorativas ou momentos de recreação. Essa visão limitada desconsidera o potencial formativo da literatura e reduz seu papel no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças (Kishimoto, 1994).

A ausência de práticas literárias consistentes gera prejuízos significativos ao processo de ensino-aprendizagem. Quando o texto literário é deixado de lado ou utilizado de forma inadequada, perde-se uma ferramenta essencial para o desenvolvimento do pensamento crítico, da imaginação e linguagem do aluno. Essa lacuna compromete a formação integral da criança e limita sua capacidade de compreender e interagir de maneira reflexiva com a realidade que a cerca.

Embora haja consenso sobre o valor formativo da literatura, nas rotinas escolares ela costuma ocupar uma posição secundária, por vezes utilizada apenas como pausa lúdica ao fim da tarefa ou ilustração de conteúdos, sem planejamento e atribuição de sentido. Quando pensamos nos processos de Alfabetização e Letramento, Soares (2003), afirma que ambos desenvolvem-se simultaneamente, onde o primeiro diz respeito à apropriação do sistema de escrita e o segundo às práticas sociais que dão sentido a esse sistema. Separar esses processos afeta a forma como o sujeito aprende, pois o ato de ler e escrever implica, paralelamente, integrar-se a práticas de leitura e escrita. Essas práticas em sala de aula, devem proporcionar ao aluno operar com textos integrais de diferentes gêneros enquanto constrói, com apoio docente, as relações fonema e grafema. Quando a escola limita o trabalho a fichas de decodificação e a textos incompletos, dificulta o desenvolvimento de estratégias de predição, inferência, coesão e ampliação lexical que se ativam no encontro com a linguagem literária.

Nessa mesma direção, Paulo Freire lembra que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1989, p.11) e que ler é um ato de conhecer e intervir. Reduzir a literatura a ornamento curricular é negar sua potência de problematizar o cotidiano, ensinar valores e expandir horizontes de sentido. Uma rotina que inclui leitura coletiva com intencionalidade, conversas literárias autênticas e escrita de autoria, transforma o ato de ler em gesto crítico, o texto literário passa a iluminar experiências dos estudantes e, reciprocamente, a experiência passa a iluminar o texto (Freire, 1989).

As lacunas não são apenas didáticas, são históricas e institucionais. Le Goff propõe pensar o tempo como continuidade e trama, e não como pontuação episódica. Traduzido para o currículo, isso exige sequências de leitura que tenham memórias, retornos e adensamentos ao longo do ano e da escolaridade, em lugar de eventos isolados sem encadeamento (Le Goff, 2008). Como enfatiza Barros, a História Social, reconhece que as práticas de leitura da escola são produtos de escolhas e disputas, portanto, passíveis de transformação, o “como se lê” expressa um projeto de sujeito e de sociedade (Barros, 2005). Assim, quando a literatura é deslocada do centro, também se desloca um certo ideal de formação, perde-se a oportunidade de cultivar sensibilidade, imaginação moral e pensamento crítico no cotidiano, e não apenas em semanas temáticas ou eventos específicos.

Para isso, é preciso um acervo vivo e diverso, que perpassa gêneros, vozes, procedências e modos de dizer, para que as crianças circulem por estilos e estruturas textuais distintas e, com isso, ampliem seu repertório linguístico, semântico e cultural. Bortolin (2010) aponta que o contato sistemático e mediado com obras literárias amplia o capital linguístico e cultural, favorecendo aprendizagens significativas de leitura e de escrita, esse efeito se potencializa quando há continuidade, variedade e objetivos de compreensão explicitados pelo docente (Bortolin, 2010). Além disso, Pedrosa, Souza e Lima (2017) reforçam que a literatura, quando mediada intencionalmente, contribui para o desenvolvimento integral. A leitura em voz alta, conversas, dramatizações e escrita de autoria criam um circuito virtuoso em que compreensão e expressão se alimentam mutuamente e a criança se percebe como sujeito de linguagem (Pedrosa; Souza; Lima, 2017).

Concomitantemente, no viés clássico, Plutarco (2008) afirma que desde a Antiguidade, a leitura orientada aparece como exercício ético e intelectual que deve unir hábito, exemplo e estudo para a vida comum, de modo que aprender e tornar-se caminhem juntos. Podemos pensar que não há formação de caráter sem formação do olhar, e a literatura é, por excelência, escola do olhar.

Por fim, aprofundar a integração entre literatura, alfabetização e letramento requer, reposicionar o texto literário integral como eixo do planejamento. Explicitar, antes, durante e depois de cada leitura, os objetivos de compreensão articulados à

construção do sistema alfabético, além de garantir continuidade temporal que produza memória leitora e assegure autoria desde o início, para que a criança não apenas reconheça palavras, mas produza linguagem com propósito social. Quando a escola segue nesta linha, a leitura deixa de ser prova de decodificação para tornar-se prática cultural situada que forma leitores que decodificam, compreendem, interpretam e intervêm, isto é, sujeitos críticos, sensíveis e socialmente participativos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como propósito compreender o papel da literatura no processo de alfabetização e no desenvolvimento intelectual e cognitivo das crianças dos anos iniciais, à luz da História Social. A análise teórica possibilitou perceber que a educação e a leitura sempre ocuparam lugar central na formação humana, sendo consideradas práticas fundamentais para o desenvolvimento do pensamento, da linguagem e da sensibilidade. Desde os ensinamentos clássicos de Esopo e Plutarco até as concepções pedagógicas contemporâneas, observa-se que a literatura permanece como elemento essencial na constituição do sujeito e na construção da sociedade.

A partir da perspectiva da longa duração, foi possível compreender que o desenvolvimento intelectual não é um processo natural ou espontâneo, mas uma construção mediada pelas práticas culturais, pela linguagem e pela interação social. Nesse sentido, a literatura se destaca como um instrumento de mediação simbólica e cognitiva, que integra emoção, imaginação e pensamento crítico, contribuindo para a aprendizagem significativa e para a formação integral da criança. A leitura literária, por meio de suas narrativas e possibilidades interpretativas, atua diretamente no desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores, como memória, atenção, imaginação e linguagem, conforme apontam Leontiev (2004) e Cosenza e Guerra (2011).

Autores como Cademartori (2010) e Aguiar (2007) reforçam que a Literatura Infantil, ao articular o lúdico e o cognitivo, amplia o repertório simbólico e linguístico das crianças, despertando a curiosidade, a sensibilidade e a capacidade crítica. Assim, o contato contínuo com obras literárias promove o fortalecimento das conexões neurais

responsáveis pela criatividade e pela formação do pensamento abstrato, o que demonstra que a literatura é também uma ferramenta de desenvolvimento neurológico e emocional.

A pesquisa evidenciou ainda o papel indispensável do professor como mediador da leitura e das experiências literárias. Segundo as concepções de Freire (1996) e Bortolin (2010), compreende-se que o professor é o responsável por tornar a literatura uma vivência intencional, significativa, capaz de estimular a reflexão, a interpretação e a autoria. Quando o educador conduz o aluno à descoberta do texto e de seus sentidos, a leitura passa a ser mais do que um exercício técnico e torna-se um processo de construção de conhecimento, diálogo e humanização. No entanto, observou-se que, nas práticas escolares contemporâneas, a literatura ainda ocupa um espaço secundário, sendo frequentemente utilizada apenas em momentos recreativos ou comemorativos, sem planejamento prévio e intencional. Essa limitação reduz seu potencial formativo e impede que a criança desenvolva integralmente sua capacidade de compreender, imaginar e criar.

Dessa forma, reafirma-se a importância de integrar a literatura de forma planejada, contínua e intencional às práticas de alfabetização e letramento. As obras literárias devem ser trabalhadas como textos integrais, com o objetivo de favorecer a leitura crítica, a expressão criativa e o prazer estético. Essa integração possibilita que a criança construa sua autonomia intelectual e reconheça a leitura como prática social e cultural, contribuindo para sua formação cidadã. O professor, ao promover momentos de leitura compartilhada, diálogo e reflexão, torna-se agente ativo do desenvolvimento intelectual e emocional dos alunos, formando leitores críticos e sensíveis.

Em síntese, a literatura, quando compreendida como prática pedagógica e cultural, constitui-se como um poderoso instrumento de humanização e de aprendizagem significativa. Por meio dela, a criança aprende a ler o mundo antes mesmo de ler a palavra, como defende Freire (1996), desenvolvendo sua capacidade de compreender a si mesma e o contexto em que vive. Dessa maneira, o presente estudo reafirma que o ensino da literatura nas escolas não deve ser um complemento, mas uma parte essencial do processo educativo, pois a leitura literária forma sujeitos

críticos, criativos e participativos, capazes de transformar a realidade pela imaginação e pelo pensamento.

6 REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vitor Manuel de Aguiar e Silva. **Teoria da Literatura**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2007.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

BARROS, José D'Assunção. **A História Social: seus significados e seus caminhos**. LPH – Revista de História da UFOP, n. 15, 2005.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BORTOLIN, Sueli. **Mediação oral da literatura: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando**. Marília: UNESP, 2010.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

COSENZA, Ramon M.; GUERRA, Leonor B. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CHAVES, Marta. **A literatura infantil e sua contribuição para o desenvolvimento humano**. Maringá: UEM, 2011.

ESOPO. **Fábulas**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

LE GOFF, Jacques; MONTREMY, Jean-Maurice de. **Em busca da Idade Média**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2004.

LEONTIEV, A. N. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

PEDROSA, Francineide Batista de Sousa; SOUZA, Rayonnara Késsia de; LIMA, Maria Danúbia de Moura. **Literatura e prática pedagógica: a formação literária das crianças em processo de alfabetização**. Revista Educação, Literatura e Prática Pedagógica, Natal, p. 1–20, 2017.

PLUTARCO. **Da educação das crianças**. Tradução: Joaquim Pinheiro. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008.

SÃO VITOR, Hugo. **Didáscalicon: da arte de ler**. Trad. Antonio Marchionni. Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVEIRA, N. M. A.; ARAÚJO, C. M. D. **Contribuições da literatura infantil para o desenvolvimento da criança**. Revista Saúde e Educação, Coromandel, v. 5, n. 1, p. 61–75, jan./jun. 2020.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação, n. 25, p. 5–17, jan./abr. 2004.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.